

# MEDITAÇÕES

## 1ª E 2ª<sup>1</sup>

RENÉ  
DESCARTES

---

<sup>1</sup> DESCARTES, René. *Meditações*. (Os Pensadores) São Paulo : Abril Cultural, 1983

## MEDITAÇÃO PRIMEIRA<sup>2</sup>

### Das Coisas que se Podem Colocar em Dúvida

1. Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la; o que me fez diferi-la por tão longo tempo que doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir.

2. Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas<sup>3</sup>. E, para isso, não é necessário que examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício, dedicar-me-ei inicialmente aos princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas.

3. Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram engano-sos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez<sup>4</sup>.

4. Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare e esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter

<sup>2</sup> A primeira Meditação tem como peculiaridade o fato de não se tratar aí de "estabelecer verdade alguma, mas apenas de me desfazer desses antigos prejuízos". (Sétimas Respostas.) Sua composição é a seguinte:

§§ 1-3: o princípio da dúvida hiperbólica;

§§3-13: argumentos que estendem e radicalizam a dúvida.

(§3): argumento dos erros dos sentidos;

(§§4-9): argumento do sonho; (§§9-13): argumento que estende a dúvida ao valor objetivo das essências matemáticas, em duas etapas:

- o Deus enganador;

- o Gênio Maligno.

<sup>3</sup> A dúvida assim posta em ação: a) distinguir-se-á da dúvida vulgar pelo fato de ser engendrada não por experiência, mas por uma decisão; b) será "hiperbólica", isto é, sistemática e generalizada; c) consistirá, pois, em tratar como falso o que é apenas duvidoso, como sempre enganador o que alguma vez me enganou.

<sup>4</sup> Argumento do erro do sentido, primeiro grau da dúvida. É insuficiente para nos fazer duvidar sistematicamente de nossas percepções sensíveis.

um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos.

5. Todavia, devo aqui considerar que sou homem<sup>5</sup> e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mes-mas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteira-mente nu dentro de meu leito? Parece-me agora que não é com olhos adorme-cidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que ocorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quan-to tudo isso. Mas, pensando cuidado-samente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distin-guir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo.

6. Suponhamos, pois, agora, que estamos adormecidos e que todas essas particularidades, a saber, que abrimos os olhos que mexemos a cabeça, que estendemos as mãos, e coisas semelhantes, não passam de falsas ilusões; e pensemos que talvez nossas mãos, assim como todo o nosso corpo, não são tais como os vemos. Todavia, é preciso ao menos confessar que as coisas que nos são representadas durante o sono são como quadros e pinturas, que não podem ser formados senão à semelhança de algo real e verdadeiro; e que assim, pelo menos, essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e todo o resto do corpo, não são coisas imaginárias, mas verdadeiras e existen-tes. Pois, na verdade, os pintores, mesmo quando se empenham com o maior artifício em representar sereias e sátiros por formas estranhas e extraor-dinárias, não lhes podem, todavia, atri-buir formas e naturezas inteiramente novas, mas apenas fazem certa mistura e composição dos membros de diver-sos animais; ou então, se porventura sua imaginação for assaz extravagante para inventar algo de tão novo, que ja-mais tenhamos visto coisa semelhante e que assim sua obra nos represente uma coisa puramente fictícia e absolutamente falsa, certamente ao menos as cores com que eles a compõem devem ser verdadeiras.

7. E pela mesma razão, ainda que essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e outras semelhantes, possam ser imaginárias, é preciso, todavia, confessar que há coisas ainda mais simples e mais universais, que são verdadeiras e existentes; de cuja mistura, nem mais nem menos do que da mistura de algumas cores verdadeiras, são formadas todas essas imagens das coisas que residem em nesse pensamento, quer verdadeiras e reais, quer fictícias e fantásticas. Desse gênero de coisas é a natureza corpórea em geral, e sua extensão; juntamente com a figura das coisas extensas, sua quan-tidade, ou grandeza, e seu número; como também o lugar em que estão, o tempo que mede sua duração e outras coisas semelhantes<sup>6</sup>.

8. Eis por que, talvez, daí nós não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas; mas que a Aritmética, a Geometria e as ou-tras ciências desta natureza, que

<sup>5</sup> Aqui começa o argumento do sonho, segundo grau da dúvida, que irá estendê-la a todo conhecimento sensível, ou pelo menos a seu conteúdo.

<sup>6</sup> O segundo argumento encontra, pois, o seu limi-te: ele não me permite pôr em dúvida os compo-nentes de minhas percepções, a saber, as "naturezas simples", indecomponíveis (figura, quantidade, espaço, tempo), que são o objeto da Matemática. Tais elementos "escapam, contrariamente aos objetos sensíveis, a todas as razões naturais de duvidar": sublinha Guérault, apoiando-se no texto da Medita-ção Quinta: "A natureza de meu espírito é tal que eu não me poderia impedir de julgá-las verdadeiras enquanto as concebo clara e distintamente". Daí a necessidade de recorrer ao terceiro argumento que abalará esta certeza "natural".

não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais, sem cuidarem muito em se elas existem ou não na natureza, contêm alguma coisa de certo e indubi-tável. Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que qua-tro lados; e não parece possível que verdades tão patentes possam ser sus-peitas de alguma falsidade ou incerteza.

9. Todavia, há muito que tenho no meu espírito certa opinião<sup>7</sup> de que há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que eu vejo? E, mesmo, como julgo que algumas vezes os outros se enganam até nas coisas que eles acreditam saber com maior certeza, pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil do que isso. Mas pode ser que Deus não tenha querido que eu seja decepcionado desta maneira, pois ele é considerado soberanamente bom. Todavia, se repugnasse à sua bondade fazer-me de tal modo que eu me enganasse sempre, pareceria também ser-lhe contrário permitir que eu me engane algumas vezes e, no entanto, não posso duvidar de que ele mo permita<sup>8</sup>.

10. Haverá talvez aqui pessoas que preferirão negar a existência de um Deus tão poderoso a acreditar que todas as outras coisas são incertas. Mas não lhes resistamos no momento e suponhamos, em favor delas, que tudo quanto aqui é dito de um Deus seja uma fábula. Todavia, de qualquer maneira que suponham ter eu chegado ao estado e ao ser que possuo, quer o atribuam a algum destino ou fatali-dade, quer o refiram ao acaso, quer queiram que isto ocorra por uma contí-nua série e conexão das coisas, é certo que, já que falhar e enganar-se é uma espécie de imperfeição, quanto menos poderoso for o autor a que atribuírem minha origem tanto mais será provável que eu seja de tal modo imperfeito que me engane sempre. Razões às quais nada tenho a responder, mas sou obri-gado a confessar que, de todas as opi-niões que recebi outrora em minha crença como verdadeiras, não há nenhuma da qual não possa duvidar atualmente, não por alguma inconsideração ou leviandade, mas por razões muito fortes e maduramente considera-das: de sorte que é necessário que interrompa e suspenda doravante meu juízo sobre tais pensamentos, e que não mais lhes dê crédito, como faria com as coisas que me parecem eviden-temente falsas, se desejo encontrar algo de constante e de seguro nas ciências<sup>9</sup>.

11. Mas não basta ter feito tais considerações, é preciso ainda que cuide de lembrar-me delas; pois essas antigas e ordinárias opiniões ainda me voltam amiúde ao pensamento, dando-lhes a longa e familiar convivência que tiveram comigo o direito de ocu-par meu espírito mau grado meu e de tornarem-se quase que senhoras de minha crença. E jamais perderei o cos-tume de aquiescer a isso e de confiar nelas, enquanto as considerar como são efetivamente, ou seja, como duvidosas de alguma maneira, como aca-bamos de mostrar, e todavia muito prováveis, de sorte que se tem muito mais razão em acreditar nelas do que em negá-las. Eis por que penso que me utilizarei delas mais prudentemente se, tomando partido contrário, empregar todos os meus cuidados em enganar-me a mim mesmo, fingindo que todos esses pensamentos são falsos e imagi-nários; até que, tendo de tal modo sopesado meus prejuízos, eles não pos-sam inclinar minha opinião mais

<sup>7</sup> Essa "opinião" é sustentada pelos teólogos das Segundas Objeções: Deus, dada sua onipotência, pode nos enganar. Não é o parecer de Descartes: o engano em Deus constituiria não só um sinal de malignidade, mas de não-ser. (Col. com Burman.) Isso redundaria em afirmar o valor tão-somente metodológico dessa suposição antinatural.

<sup>8</sup> A consideração da bondade, por si SÓ, não basta para invalidar a suposição. Cf. a nota precedente.

<sup>9</sup> A dúvida é agora universalizada.

para um lado do que para o outro, e meu juízo não mais seja doravante dominado por maus usos e desviado do reto caminho que pode conduzi-lo ao conhecimento da verdade. Pois estou seguro de que, apesar disso, não pode haver perigo nem erro nesta via e de que não poderia hoje aceder demasiado à minha desconfiança, posto que não se trata no momento de agir, mas somente de meditar e de conhecer.

12. Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno<sup>10</sup>, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo.

13. Mas esse desígnio é árduo e trabalhoso<sup>11</sup> e certa preguiça arrasta-me insensivelmente para o ritmo de minha vida ordinária. E, assim como um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim eu reincido insensivelmente por mim mesmo em minhas antigas opiniões e evito despertar dessa sonolência, de medo de que as vigílias laboriosas que se sucederiam à tranqüilidade de tal repouso, em vez de me propiciarem alguma luz ou alguma clareza no conhecimento da verdade, não fossem suficientes para esclarecer as trevas das dificuldades que acabam de ser agitadas.

---

<sup>10</sup> A função do Deus enganador e do Gênio Maligno é a mesma: porém o Gênio Maligno é um artifício psicológico que, impressionando mais a minha imaginação, levar-me-á a tomar a dúvida mais a sério e a inscrevê-la melhor em minha memória ("é preciso ainda que cuide de lembrar-me dela").

<sup>11</sup> Esta insistência na dificuldade de exercer uma dúvida tão radical não é enfática; quanto mais a dúvida for vivida como radical, mais as certezas que se impuserem, em seguida, se apresentarão como inabaláveis. Tomar a dúvida levemente é expor-se a nada compreender da seqüência das Meditações. A este propósito, cf. 203. - "Não há erro mais grave", diz Alain, "do que julgar que esta dúvida é fingida. Não há também erro mais comum, porque poucos homens jogam este jogo seriamente."

## MEDITAÇÃO SEGUNDA<sup>12</sup>

### Da Natureza do Espírito Humano; e de como Ele é Mais Fácil de Conhecer do que o Corpo

1. A Meditação que fiz ontem encheu-me o espírito de tantas dúvidas, que doravante não está mais em meu alcance esquecer-las. E, no entanto, não vejo de que maneira poderia resolvê-las; e, como se de súbito tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem fir-mar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona. Esforçar-me-ei, não obstante, e seguirei novamente a mesma via que trilhei ontem, afastan-do-me de tudo em que poderia imagi-nar a menor dúvida, da mesma maneira como se eu soubesse que isto fosse absolutamente falso; e continuarei sempre nesse caminho até que tenha encontrado algo de certo, ou, pelo menos, se outra coisa não me for possível, até que tenha aprendido certa-mente que não há nada no mundo de certo.

2. Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais exceto um ponto que fosse fixo e segu-ro. Assim, terei o direito de conceber altas esperanças, se for bastante feliz para encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável<sup>13</sup>.

3. Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que jamais existiu de tudo quan-to minha memória referta de mentiras me representa; penso não possuir ne-nhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espíri-to. O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa a não ser que nada há no mundo de certo.

4. Mas que sei eu, se não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não haverá algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito tais pensamen-tos? Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu então, pelo menos, não serei alguma coisa? Mas já neguei que tivesse qualquer sentido ou qualquer corpo. Hesito, no entanto, pois que se segue daí? Serei de tal modo depen-dente do corpo e dos sentidos que não possa existir sem eles? Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns: não me persuadi também, portanto, de que eu não existia<sup>14</sup>? Certa-mente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual,

<sup>12</sup> Plano da Meditação:

A) §§ 1-9: da natureza do espírito humano... :

§§ 1-4: conquista da primeira certeza:

(§ § 1- 3): procura de uma primeira certeza;

(§4): "Eu sou, eu existo";

§§5-9: reflexão sobre esta primei-ra certeza e conquista da segunda:

(§ § 5-8): quem sou eu, eu que estou certo que sou? Uma coisa pensante. Determinação da essência do Eu;

(§9): descrição da "coisa pensante" e distinção entre o pensamento (atributo principal desta substân-cia) e suas outras faculdades;

B) §§ 10-18: ... e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo:

Contraprova da segunda certeza (o pedaço de cera) e conquista da terceira certeza.

<sup>13</sup> A primeira certeza adquirida não será, pois, a mais alta; deve apenas inaugurar a cadeia das razões.

<sup>14</sup> Retomemos o raciocínio. No ponto em que estou, não poderia eu ter a certeza da existência de "algum Deus"? Não, nada o exige (e um dos princípios da análise dos geômetras é o de não remontar a uma verdade superior àquela com que posso me contentar). Irei invocar a certeza de minha existência como indivíduo, sujeito concreto? Não, nada o permite. visto que pus em dúvida a exis-tência de tudo o que há "no mundo" ... Mas cuida-do! A "hesitação" aqui é ditada pelo medo de uma confusão: fiel à regra da dúvida, não tenho motivo de abrir exceção em favor do homem concreto que sou; mas, aquém deste, há algo que irá resistir à dú-vida. E doravante o Eu não será mais este Eu de chambre e ao pé do fogo que a Primeira Meditação evocava (como indica Goldschmidt, Congresso Descartes de Royaumont, pág. 53).

enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa<sup>15</sup>. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cum-pre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito<sup>16</sup>.

5. Mas não conheço ainda bastante claramente o que sou, eu que estou certo de que sou; de sorte que doravante é preciso que eu atente com todo cuidado, para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim, e assim para não equivocar-me neste conhecimento que afirmo ser mais certo e mais evidente do que todos os que tive até agora<sup>17</sup>.

6. Eis por que considerarei de novo o que acreditava ser, antes de me empenhar nestes últimos pensamentos; e de minhas antigas opiniões suprimirei tudo o que pode ser combatido pelas razões que aleguei há pouco, de sorte que permaneça apenas precisamente o que é de todo indubitável. O que, pois, acreditava eu ser até aqui? Sem dificuldade, pensei que era um homem. Mas que é um homem? Direi que é um animal racional? Certamente não: pois seria necessário em seguida pesquisar o que é animal e o que é racional e assim, de uma só questão, cairíamos insensivelmente numa infinidade de outras mais difíceis e embaraçosas, e eu não quereria abusar do pouco tempo e lazer que me resta empregando-o em deslindar semelhantes sutilezas<sup>18</sup>. Mas, antes, deter-me-ei em considerar aqui os pensamentos que anteriormente nasciam por si mesmos em meu espírito e que eram inspirados apenas por minha natureza, quando me aplicava à consideração de meu ser. Considerava-me, inicial-mente, como provido de rosto, mãos, braços e toda essa máquina composta de ossos e carne, tal como ela aparece em um cadáver, a qual eu designava pelo nome de corpo. Considerava, além disso, que me alimentava, que caminhava, que sentia e que pensava e relacionava todas essas ações à alma<sup>19</sup>; mas não me detinha em pensar em que consistia essa alma, ou, se o fazia, imaginava que era algo extremamente raro e sutil, como um vento, uma flama ou um ar muito tênue, que estava insinuado e disseminado nas minhas partes mais grosseiras. No que se referia ao corpo, não duvidava de maneira alguma de sua natureza; pois pensava conhecê-la mui distintamente e, se quisesse explicá-la segundo as noções que dela tinha, tê-la-ia descrito desta maneira: por corpo entendo tudo o que pode ser limitado por alguma

<sup>15</sup> Essa frase evidencia bem o papel do "Grande Embusteiro": impor a meus pensamentos uma prova de tal ordem que aquele que lhe resistir seja, quando não garantido como verdadeiro (é impossível antes da prova da existência de Deus), pelo menos recebido como certo. Se não fosse arrancado, extorquido ao Gênio Maligno, o Cogito não passaria de uma banalidade. Sobre a originalidade do Cogito, cf. o fim do opúsculo de Pascal: *De l'Esprit Géométrique*.

<sup>16</sup> O fim da frase indica que ela só é verdadeira cada vez que penso nela atualmente. É também uma transição, pois permitirá responder à pergunta que agora haverá de colocar-se: qual é a natureza deste Eu - existente que acabo de afirmar?

<sup>17</sup> Eu não conheço, ainda, o conteúdo desta existência que acabo de afirmar. Importa, pois, encontrá-lo pela exclusiva análise dos dados do problema, isto é, por determinação, levando em conta tudo o que é dado, mas excluindo tudo o que não o é (a referência à Regra XII é aqui indispensável). Notar a frase "é preciso que eu atente com todo cuidado para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim", que seria absurdo no plano da Psicologia e que se justifica apenas ao nível de uma Álgebra das noções, comparável à "Álgebra dos comprimentos" das *Regulae*.

<sup>18</sup> Sobre este método de determinação do problema por segregação, cf. o diálogo: *Recherche de La Vérité* (Pléiade, págs. 892-94). Ao interlocutor aturdido que acaba de responder: "Diria, portanto, que sou um homem", o cartesiano replica: "Não prestais atenção ao que perguntei e a resposta que apresentais, embora vos pareça simples, lançar-vos-ia em questões muito árduas e muito embaraçosas, se eu quisesse apertá-las por menos que seja... Não entendestes bem a minha pergunta e respondeis a mais coisas do que vos perguntei... Dizei-me, pois, o que sois propriamente, na medida em que duvidais"

<sup>19</sup> Cf. Respostas, 508.

figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal sorte que todo outro corpo dele seja excluído; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição, ou pelo olfato; que pode ser movido de muitas maneiras, não por si mesmo, mas por algo de alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão. Pois não acreditava de modo algum que se devesse atribuir à natureza corpórea vantagens como ter de si o poder de mover-se, de sentir e de pensar; ao contrário, espantava-me antes ao ver que semelhantes faculdades se encontravam em certos corpos<sup>20</sup>.

7. Mas eu, o que sou eu, agora que suponho<sup>21</sup> que há alguém que é extremamente poderoso e, se ousou dizê-lo, malicioso e ardiloso, que emprega todas as suas forças e toda a sua indústria em enganar-me? Posso estar certo de possuir a menor de todas as coisas que atribuí há pouco à natureza corpórea? Detenho-me em pensar nisto Com atenção, passo e repasso todas essas coisas em meu espírito, e não encontro nenhuma que possa dizer que exista em mim. Não é necessário que me de-more a enumerá-las. Passemos, pois, aos atributos da alma e vejamos se há alguns que existam em mim. Os primeiros são alimentar-me e caminhar; mas, se é verdade que não possuo corpo algum, é verdade também que não posso nem caminhar nem alimentar-me. Um outro é sentir; mas não se pode também sentir sem o corpo; além do que, pensei sentir outrora muitas coisas, durante o sono, as quais reco-nheci, ao despertar, não ter sentido efetivamente. Um outro é pensar; e verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso<sup>22</sup>; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente <sup>23</sup>desconhecida. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Já o disse: uma coisa que pensa. E que mais? Excitarei ainda minha imaginação para procurar saber se não sou algo mais. Eu não sou essa reunião de membros que se chama o corpo humano; não sou um ar tênue e pene-trante, disseminado por todos esses membros; não sou um vento, um sopro, um vapor, nem algo que posso fingir e imaginar, posto que supus que tudo isso não era nada e que, sem mudar essa suposição, verifico que não deixo de estar seguro de que sou alguma coisa<sup>24</sup>.

8. Mas também pode ocorrer que essas mesmas coisas, que suponho não existirem, já que me são desconhecidas, não sejam efetivamente diferentes de mim, que eu conheço? Nada sei a respeito; não o discuto atualmente, não posso dar meu juízo senão a coisas que me são conhecidas: reconheci que eu era, e procuro o que sou, eu que reconheci ser. Ora, é muito certo que essa noção

<sup>20</sup> Este conhecimento "natural" que eu tenho de mim mesmo antes da prova da dúvida será inteiramente falso? Não. Se a alma é concebida à maneira dos escolásticos, em troca a distinção entre o corpo e o espírito (indispensável à Física) está aí presente, mas a título de opinião provável, sem fundamento. Cf. Respostas, 204.

<sup>21</sup> Mudança de plano. Do pensamento inspirado por "minha natureza" passamos à só idéia de mim mesmo compatível com a instauração da dúvida, da indeterminação psicológica à determinação metafísica.

<sup>22</sup> Entre todas as faculdades: 1) do corpo - 2) da alma, uma SÓ, o pensamento, resiste à exclusão. Vemos aqui a importância do fim do § 4: "Esta proposição - eu sou, eu existo - é necessariamente verdadeira *sempre que eu a pronuncio ou que eu a concebo em meu espírito*". E ao refletir sobre esta inseparabilidade - único dado que se encontra em minha posse - que obtenho imediatamente a natureza "daquilo que sou". Trata-se da primeira verdade da cadeia de razões.

<sup>23</sup> "Anteriormente", isto é, no plano em que nos colocava o parágrafo precedente, eu podia proferir estas palavras, mas sem lhes ter determinado o sentido, portanto sem conhecê-lo.

<sup>24</sup> Sobre o fim desse parágrafo, cf. 505 e segs. Não há necessidade alguma de ir procurar em outra parte uma resposta, visto que dei a única resposta que respeitava os dados do problema: "Eu sou uma coisa que pensa". Mas "o homem natural" sente-se tentado a recorrer à imaginação a fim de completar esta resposta. Há nisso uma inclinação que o parágrafo seguinte irá desenraizar.



e conhecimento de mim mesmo, assim precisamente tomada, não depende em nada das coisas cuja existência não me é ainda conhecida<sup>25</sup>; nem, por conseguinte, e com mais razão de nenhuma daquelas que são fingidas e inventadas pela imaginação. E mesmo esses termos fingir e imaginar advertem-me de meu erro; pois eu fingiria efetivamente se imaginasse ser alguma coisa, posto que imaginar nada mais é do que contemplar a figura ou a imagem de uma coisa corporal. Ora, sei já certamente que eu sou, e que, ao mesmo tempo, pode ocorrer que todas essas imagens e, em geral, todas as coisas que se relacionam à natureza do corpo sejam apenas sonhos ou quimeras. Em seguimento disso, vejo claramente que teria tão pouca razão ao dizer: excitarei minha imaginação para conhecer mais distintamente o que sou, como se dissesse: estou atualmente acordado e percebo algo de real e de verdadeiro; mas, visto que não o percebo ainda assaz nitidamente, dormiria intencionalmente a fim de que meus sonhos me representassem com maior verdade e evidência. E, assim, reconheço certamente que nada, de tudo o que posso compreender por meio da imaginação, pertence a este conhecimento que tenho de mim mesmo e que é necessário lembrar e desviar o espírito dessa maneira de conceber a fim de que ele próprio possa reconhecer muito distintamente sua natureza<sup>26</sup>.

9. Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente<sup>27</sup>. Certamente não é pouco se todas essas coisas pertencem à minha natureza. Mas por que não lhe pertenceriam? Não sou eu próprio esse mesmo que duvida de quase tudo, que, no entanto, entende e concebe certas coisas, que assegura e afirma que somente tais coisas são verdadeiras, que nega todas as demais, que quer e deseja conhecê-las mais, que não quer ser enganado, que imagina muitas coisas, mesmo mau grado seu, e que sente também muitas como que por inter-médio dos órgãos do corpo? Haverá algo em tudo isso que não seja tão verdadeiro quanto é certo que sou e que existo, mesmo se dormisse sempre e ainda quando aquele que me deu a existência se servisse de todas as suas forças para enganar-me? Haverá, também, algum desses atributos que possa ser distinguido de meu pensamento, ou que se possa dizer que existe separado de mim mesmo? Pois é por si tão e, dente que sou eu quem duvida, que entende e quem deseja que não é necessário nada acrescentar aqui para explicá-lo. E tenho também certamente poder de imaginar; pois, ainda que possa ocorrer (como supus anteriormente) que as coisas que imagino não sejam verdadeiras, este poder de imanar não deixa, no entanto, de existir realmente em mim e faz parte do meu pensamento. Enfim, sou o mesmo que sente, isto é, que recebe e conhece; coisas como que pelos órgãos dos sentidos, posto que, com efeito, vejo a luz, ouço o ruído, sinto o calor. Mas dir-me-ão que essas aparências são falsas, e que eu durmo. Que assim seja; todavia, ao menos, é muito certo que me parece que vejo, que ouço e que me aqueço; e é propriamente aquilo que em mim se chama sentir e isto, tomado assim precisamente, nada é

<sup>25</sup> O contraditor que retorquisse haver talvez em mim alguma outra faculdade desconhecida situar-se-ia no plano da Psicologia e não das razões metafísicas. Um dos princípios da análise é que não tenho o direito de arguir propriedades ainda desconhecidas para combater as que se acham agora estabelecidas.

<sup>26</sup> Em virtude desse princípio, não me é dado absolutamente o direito de recorrer à imaginação, pois "tudo quanto posso compreender por seu meio" foi excluído pela dúvida. Por aí eu sei, ao mesmo tempo, que minha natureza é puro pensamento exclusivo de todo elemento corporal. E a segunda verdade, a qual não se deve confundir com a distinção real entre a alma e o corpo, estabelecida somente na Meditação Sexta. Cf. 5 10.

<sup>27</sup> Cumpre observar a diferença relativamente à definição do § 7: "Isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão". Aí se determinava a essência da substância "coisa pensante"; aqui ela é descrita revestida de seus diferentes modos. Desse novo Ponto de vista, reintegra-se na "coisa pensante" o que fora excluído de sua essência. Todos esses modos (imaginar, sentir, querer), embora não pertençam à minha natureza, não podem ser postos em dúvida, na medida em que se beneficiam da certeza do *Cogito*.

senão pensar. Donde, começo a conhecer o que sou, com um pouco mais de luz e de distinção do que anteriormente<sup>28</sup>.

10. Mas não me posso impedir c crer que as coisas corpóreas<sup>29</sup>, cujas imagens se formam pelo meu pensamento, e que se apresentam aos sentidos, sejam mais distintamente conhecidas do que essa não sei que parte de mim mesmo que não se apresenta imaginação: embora, com efeito, seja uma coisa bastante estranha que coisas que considero duvidosas e distantes sejam mais claras e mais facilmen1 conhecidas por mim do que aquelas que são verdadeiras e certas e que per-tencem à minha própria natureza. Mas vejo bem o que seja: meu espírito apraz-se em extraviar-se é não pode ainda conter-se nos justos limites da verdade. Soltemos-lhe, pois, ainda uma vez, as rédeas a fim de que, vindo, em seguida, a libertar-se delas suave e oportunamente, possamos mais facil-mente dominá-lo e conduzi-lo<sup>30</sup>.

11. Comecemos pela consideração das coisas mais comuns e que acredi-tamos compreender mais distinta-mente, a saber, os corpos que tocamos e que vemos. Não pretendo falar dos corpos em geral, pois essas noções ge-rais são ordinariamente mais confusas, porém de qualquer corpo em particu-lar. Tomemos, por exemplo, este peda-ço de cera que acaba de ser tirado da colméia: ele não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são patentes; é duro, é frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. Enfim, todas as coisas que podem distintamente fazer conhecer um corpo encontram-se neste.

12. Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele resta-va de sabor exala-se, o odor se esvai, sua cor se modifica, sua figura se alte-ra, sua grandeza aumenta, ele toma-se líquido, esquenta-se, mal o podemos tocar e, embora nele batamos, nenhum som produzirá. A mesma cera perma-nece após essa modificação? Cumpro confessar que permanece: e ninguém o pode negar. O que é, pois, que se conhecia deste pedaço de cera com tanta distinção? Certamente não pode ser nada de tudo o que notei nela por intermédio dos sentidos, posto que todas as coisas que se apresentavam ao paladar, ao olfato, ou à visão, ou ao tato, ou à audição, encontram-se mudadas e, no entanto, a mesma cera per-manece. Talvez fosse como penso atualmente, a saber, que a cera não era nem essa doçura do mel, nem esse agradável odor das flores, nem essa brancura, nem essa figura, nem esse som, mas somente um corpo que um pouco antes me aparecia sob certas formas e que agora se faz notar sob outras. Mas o que será, falando preci-samente, que eu imagino quando a concebo dessa maneira? Considere-mo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Certamente nada permanece senão algo de extenso, flexível e mutável. Ora, o que é isto: flexível e mutável? Não estou imaginando que esta cera, sendo redonda, é capaz de se tornar quadrada e de passar do quadrado a uma figura triangular? Certamente não, não é isso, posto que a concebo capaz de receber uma infinidade de modificações similares e eu não poderia, no entanto, percorrer essa infinidade com minha imaginação e, por conseguinte, essa concepção que tenho da cera não se realiza através da minha faculdade de imaginar<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> A saber, um pensamento: a) distinto dos corpo se os houver; b) distinto das faculdades não propriamente intelectuais, como a imaginação, que só r pertencem porque implicam este pensamento puro.

<sup>29</sup> Novo assalto do pensamento imaginativo inerente à "minha natureza" e do qual não posso ainda me desprender: estou convencido, mas não persuadido. Daí a necessidade de uma contraprova q servirá para estabelecer a terceira verdade. COr1 todas as figuras de retórica das *Meditações*, esta integra-se na ordem.

<sup>30</sup> Em outros termos: façamos de conta que inter-rompemos a ordem a fim de seguir o senso comum em seu próprio terreno. Sobre o fato de ser esta transgressão apenas aparente, cf. o importantíssimo § 5 15 das Respostas.

<sup>31</sup> Raciocínio em duas partes: 1.º o que me permite reconhecer a mesma cera é sua identidade na medi-da em que a cera é coisa extensa; 2.º mas este con-teúdo só pode ser idéia e não imagem da extensão que o corpo ocupa atualmente ou

13. E, agora, que é essa extensão? Não será ela igualmente desconhecida, já que na cera que se funde ela aumenta e fica ainda maior quando está inteiramente fundida e muito mais ainda quando o calor aumenta? E eu não conceberia claramente e segundo a verdade o que é a cera, se não pensasse que é capaz de receber mais variedades segundo a extensão do que jamais imaginei. É preciso, pois, que eu concorde que não poderia mesmo conceber pela imaginação o que é essa cera e que somente meu entendimento é quem o concebe<sup>32</sup>; digo este pedaço de cera em particular, pois para a cera em geral é ainda mais evidente. Ora, qual é esta cera que não pode ser concebida senão pelo entendimento ou pelo espírito? Certamente é a mesma que vejo, que toco, que imagino e a mesma que conhecia desde o começo. Mas o que é de notar é que sua percepção, ou a ação pela qual é percebida, não é uma visão, nem um tatear, nem uma imaginação, e jamais o foi, embora assim o parecesse anteriormente, mas somente uma inspeção do espírito, que pode ser imperfeita e confusa, como era antes, ou clara e distinta, como é, presente-mente, conforme minha atenção se dirija mais ou menos às coisas que existem nela e das quais é composta.

14. Entretanto, eu não poderia espantarme demasiado ao considerar o quanto meu espírito tem de fraqueza e de pendor que o leva insensivelmente ao erro. Pois, ainda que sem falar eu considere tudo isso em mim mesmo, as palavras detêm-me, todavia, e sou quase enganado pelos termos da linguagem comum; pois nós dizemos que vemos a mesma cera, se no-la apresentarmos, e não que julgamos que é a mesma, pelo fato de ter a mesma cor e a mesma figura: donde desejaria quase concluir que se conhece a cera pela visão dos olhos e não pela tão-só inspeção do espírito, se por acaso não olhasse pela janela homens que passam pela rua, à vista dos quais não deixo de dizer que vejo homens da mesma maneira que digo que vejo a cera; e, entretanto, que vejo desta janela, senão chapéus e casacos que podem cobrir espectros ou homens fictícios que se movem apenas por molas? Mas julgo que são homens verdadeiros e assim compreendo, somente pelo poder de julgar que reside em meu espírito, aquilo que acreditava ver com meus olhos.

15. Um homem que procura elevar seu conhecimento para além do comum deve envergonhar-se de aproveitar ocasiões para duvidar das formas e dos termos do falar do vulgo; prefiro passar adiante e considerar se eu concebia com maior evidência e perfeição o que era a cera, quando a percebi inicialmente e acreditei conhecê-la por meio dos sentidos exteriores, ou ao menos por meio do senso comum, como o chamam, isto é, por meio do poder imaginativo, do que a concebo presentemente, após haver examinado mais exatamente o que ela é e de que maneira pode ser conhecida. Por certo, seria ridículo colocar isso em dúvida. Pois, que havia nessa primeira percepção que fosse distinto e evidente e que não pudesse cair da mesma maneira sob os sentidos do menor dos animais? Mas quando distingo a cera de suas formas exteriores e, como se a tivesse despido de suas vestimentas, considero-a inteiramente nua<sup>33</sup>, é certo que, embora se possa ainda encontrar algum erro em meu juízo, não a posso conceber dessa forma sem um espírito humano<sup>34</sup>.

---

daquelas (em número finito) que poderia ocupar em seguida. Cf. Quintas Respostas: "As faculdades de entender e de imaginar diferem não só segundo o mais e o menos, porém como duas maneiras de agir totalmente diferentes".

<sup>32</sup> Por onde fica provado não só que a imaginação não pode me dar a conhecer a natureza dos corpos que se lhe apresentam (o que era o objetivo da contraprova), mas ainda que o pensamento puro é o único capaz de fazê-lo.

<sup>33</sup> Cf. 513, onde Descartes se defende de ter pretendido "abstrair o conceito da cera de seus acidentes". "Os acidentes são contingentes em relação à substância, mas não a accidentalidade", especifica Guérault. (Descartes, I, pág. 56.)

<sup>34</sup> Tal é o sentido exato do "pedaço de cera": eu nada posso conhecer através da percepção ou da imaginação sem compreender (ou reconhecer), através do pensamento, a essência da coisa. Tenho ou não razão de reconhecer esta essência? Não sei ainda. Pois não se trata aqui de saber se eu dispunho efetivamente do conhecimento da essência do corpo, mas de saber em quais condições posso estar seguro de possuir a idéia clara e distinta deste corpo. Cf. Guérault, op. cit., pp. 144-45.

16. Mas, enfim, que direi desse espírito, isto é, de mim mesmo<sup>35</sup>? Pois até aqui não admiti em mim nada além de um espírito. Que declararei, digo, de mim, que pareço conceber com tanta nitidez e distinção este pedaço de cera? Não me conheço a mim mesmo não só com muito mais verdade e certeza, mas também com muito maior distinção e nitidez? Pois, se julgo que a cera é ou existe pelo fato de eu a ver, sem dúvida segue-se bem mais evidentemente que eu próprio sou, ou que existo pelo fato de eu a ver. Pois pode acontecer que aquilo que eu vejo não seja, de fato, cera; pode também dar-se que eu não tenha olhos para ver coisa alguma; mas não pode ocorrer, quando vejo ou (coisa que não mais distingo) quando penso ver, que eu, que penso, não seja alguma coisa. Do mesmo modo, se julgo que a cera existe, pelo fato de que a toco, seguir-se-á ainda a mesma coisa, ou seja, que eu sou; e se o julgo porque minha imaginação disso me persuade, ou por qualquer outra causa que seja, concluirei sempre a mesma coisa. E o que notei aqui a respeito da cera pode aplicar-se a todas as outras coisas que me são exteriores e que se encontram fora de mim.

17. Ora, se a noção ou conheci-mento da cera parece ser mais nítido e mais distinto após ter sido descoberto não somente pela visão ou pelo tato, mas ainda por muitas outras causas, com quão maior evidência, distinção e nitidez não deverei eu conhecer-me<sup>36</sup>, posto que todas as razões que servem para conhecer e conceber a natureza da cera, ou qualquer outro corpo, provam muito mais fácil e evidentemente a natureza de meu espírito? E encontram-se ainda tantas outras coisas no próprio espírito que podem contribuir ao esclarecimento de sua natureza, que aquelas que dependem do corpo (como esta) não merecem quase ser enumeradas.

18. Mas, enfim, eis que insensivelmente cheguei aonde queria; pois, já que é coisa presentemente conhecida por mim que, propriamente falando, só concebemos os corpos pela faculdade de entender em nós existente e não pela imaginação nem pelos sentidos, e que não os conhecemos pelo fato de vê-los ou de tocá-las, mas somente por concebê-los pelo pensamento, reconheço com evidência que nada há que me seja mais fácil de conhecer do que meu espírito. Mas, posto que é quase impossível desfazer-se tão prontamente de uma antiga opinião, será bom que eu me detenha um pouco neste ponto, a fim de que, pela amplitude de minha meditação, eu imprima mais profundamente em minha memória este novo conhecimento.

---

<sup>35</sup> Passamos, com este parágrafo, à confirmação da segunda verdade: quando percebo o pedaço de cera, seja compreendendo clara e distintamente sua natureza, seja apenas imaginando-o ou tocando-o, só uma coisa é certa, no ponto em que me encontro. É que eu penso percebê-lo... Mostrando que este "pensamento" era indispensável ao conhecimento da coisa, a análise precedente deu confirmação a esta verdade.

<sup>36</sup> É a terceira verdade: o espírito é mais fácil de conhecer do que o corpo. Com efeito, obtenho imediatamente o conhecimento da existência e da natureza de meu espírito, ao passo que o meu pensamento me proporciona apenas a idéia clara e distinta dos corpos cuja existência ainda é problemática. Guérout comenta: "Quando Descartes declara que o conhecimento da alma é o mais fácil dos conhecimentos, quer dizer que é a mais fácil das verdades científicas e o primeiro dos conhecimentos na ordem da ciência. Não quer dizer que a ciência é mais fácil do que o conhecimento vulgar. A passagem do senso comum à ciência é, com efeito, a mais difícil das ascensões". (Op. cit., pág. 128.)